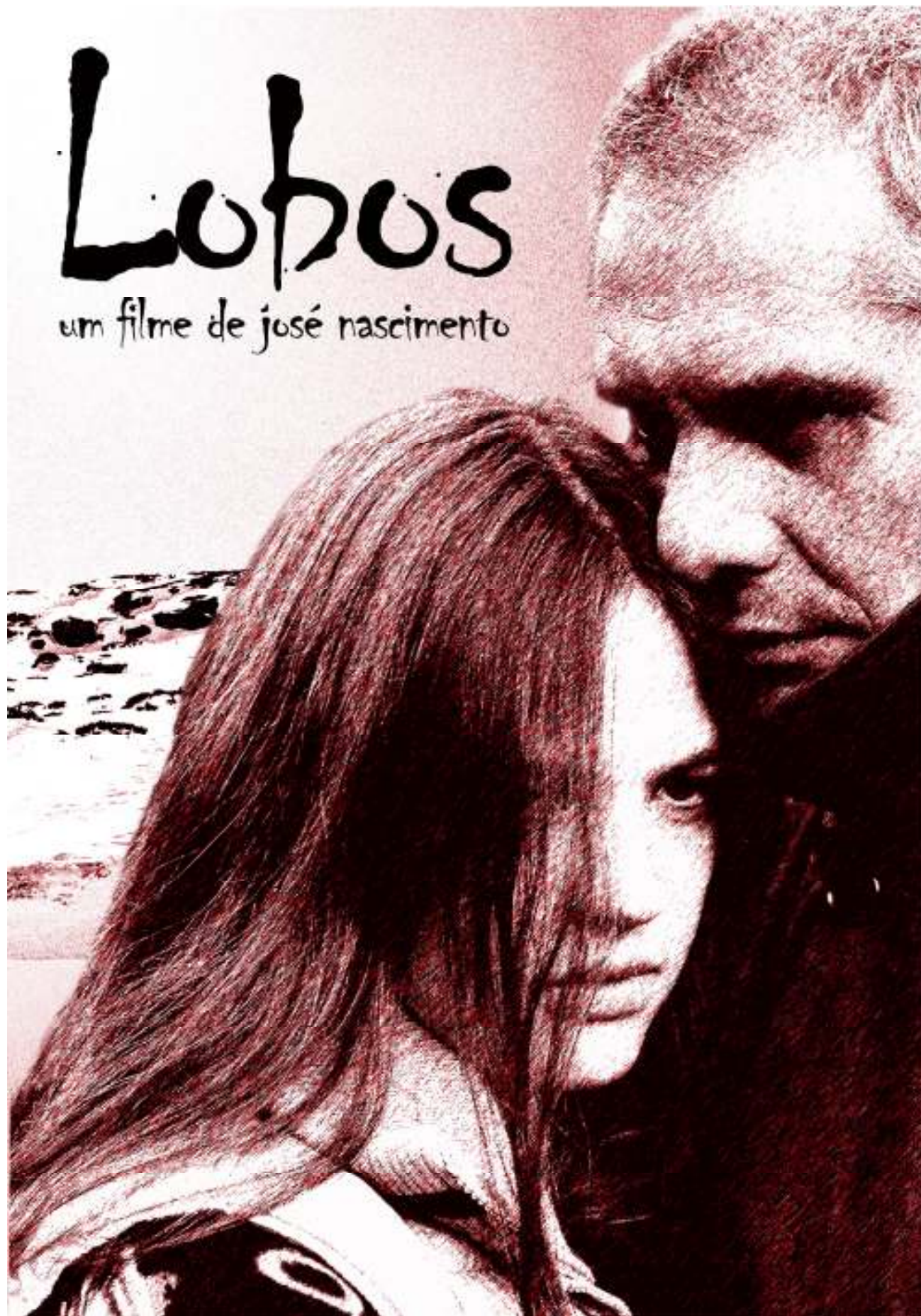


# Lobos

um filme de José Nascimento



# LOBOS



## Sinopse

Ouvem-se tiros....

Joaquim abandona precipitadamente a casa do irmão.

A sobrinha Vanessa corre atrás dele e suplica que a deixe ir com ele.

Um crime de morte aconteceu.

Em fuga constante, os dias e as noites sucedem-se.

Dormem ao relento, em casas abandonadas, em currais.

Amam-se.

# JOSÉ NASCIMENTO

Este projecto move-se em torno do universo de uma ligação amorosa insustentável. A fragilidade é o tom dominante da história.

Joaquim e Vanessa não são pessoas fora do comum. No entanto, a diferença de idades, o laço familiar e as circunstâncias em que se envolvem, marcam a diferença. Como um caminho sem regresso. O jogo entre a superficialidade de Vanessa, a impossibilidade de uma relação que se perde num futuro sem horizonte e a sua própria solidão, vão desestruturando Joaquim. É esta consciência que acaba por matá-lo.

Este fundo realista encaminha progressivamente as personagens para um mundo menos seguro, para um espaço dominado pelas sombras e pelo pesadelo. A perda da identidade. O vazio. Um desacordo primordial. Uma contradição violenta, existencial, entre o homem e a natureza.



José Nascimento Lisboa, 19 de Setembro de 1947.

Inicia-se na realização para televisão, após a Revolução de 25 de Abril é sócio fundador da Cooperativa de Cinema Experimental Cinequipa. Dedicar-se também à realização de documentários. Durante alguns anos rege a cadeira de Montagem na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa e trabalha na área de montagem e na assistência de produção de vários filmes.

Realiza a sua primeira longa-metragem em 1986. O filme, o Repórter x.



## Filmografia

2006 Lobos  
2003 Rádio Relâmpago - TV  
2001 A Hora da Morte - TV  
2000 Tarde Demais  
1989 Mar à Vista  
1987 Repórter X  
1978 Julho no Baixo Alentejo  
1977 Terra de Pão, Terra de Luta  
1976 Pela Razão Que Tem



## **José Nascimento O segundo regresso do homem-sombra**

**Vanessa Rato, Y 08.09.2006**

A pergunta pode ser com quantos filmes se faz um realizador. No caso de José Nascimento a resposta é dois, com um terceiro a caminho. "Flash-back". Lisboa, 1986: um "alien" de delírio barroco aterrava na paisagem do Cinema Novo português. Indiferente ao mergulho na realidade do canône vigente, "Repórter X" procurava uma aproximação ao universo mirabolante do jornalista/escritor Reinaldo Ferreira e da sua personagem mais famosa, o repórter que inventou o tenebroso crime do "homem dos olhos tortos" da Rua Saraiva de Carvalho e enviou reportagens da Rússia sem nunca ter posto os pés para lá da cortina de ferro. Era preciso acompanhar o langor do ópio e a vertigem da morfina e da cocaína em que Reinaldo Ferreira se inspirava: José Nascimento estilizou a sua primeira longa-metragem em cores saturadas e figurinos exuberantes atingindo o limite daquilo a que ele chama um filme de "bonecos" - mais que de personagens - contra cenários de papelão. À distancia de duas décadas, é olhar com olhos de ver - estão lá todos: Eunice Muñoz, Mário Viegas, Adelaide João e Filipe Ferrer, Jorge Silva Melo, Teresa Roby, José Wallenstein e Marcelo

Urghege. Estão lá o próprio realizador, o filho, Francisco Nascimento, e os cantores Rui Reininho e Anamar, num concerto com piano de cauda ao fundo. Pedro Cabrita Reis, a anos de se tornar num dos mais internacionais artistas plásticos portugueses, surge como fascista italiano, José Ribeiro da Fonte, um dos nomes chave da cultura portuguesa, surge como nacionalista ligado ao Estado e à ideologia salazarista.



Os nomes continuam: o tradutor e crítico de teatro Manuel João Gomes, marido da poetisa Luiza Neto Jorge, fez a primeira recolha das histórias de Reinaldo Ferreira, o realizador José Álvaro de Moraes ajudou a estabelecer as relações entre personagens, aos 26 anos Edgar Pêra juntou-se ao projecto como assistente de realização. Hoje é difícil não ver esta obra como o retrato de uma época e de um grupo de gente em ruptura com o Portugal escuro que se arrastava da década de 70, gente através de quem uma certa Lisboa do Chiado e do Bairro Alto tentaria reinventar-se como pequeno oásis de cosmopolitismo. Houve quem reconhecesse o efeito de uma certa pedrada no charco, mas, apesar de uma nomeação para Melhor Filme no Fantasporto, imperou a ideia de projecto falhado e demasiado ambicioso para uma equipa inexperiente. A partir daqui e durante 14 anos José Nascimento desapareceria. Porquê o silêncio? A resposta surge num pianíssimo de voz com uma fresta de olhar intenso: "Por várias razões, umas que sei explicar, outras não." Lisboa. Ano 2006. Estamos atrás dos cortinados e da montra de vidro da pastelaria

Versailles e a roda viva da hora de almoço começa a acalmar. "O "Repórter X" teve por um lado reacções positivas por outro negativas. Acho que foi por isso que durante muito tempo não recebi subsídios. Entretanto houve todo o período cavaquista em que houve um grande e negro deserto, para toda a gente." José Nascimento realiza para publicidade e televisão - três telefilmes - , mas sobretudo, volta à montagem, trabalhando em dezenas de obras - é aqui que surge a ideia de homem-sombra do cinema português. Foi "muito tempo passado", mais concretamente em 1995, que se deparou com uma reportagem de Laurinda Alves sobre o naufrágio recente de quatro pescadores no Tejo, dois dos quais morrem com Lisboa à vista. O texto estava escrito em forma de quase-conto, a um passo do guião. Passados apenas três meses, José Nascimento põe-se em campo no Montijo para falar com os sobreviventes, já de câmara em punho. Rapidamente, o que mais facilmente poderia ser um "docudrama" baseado num "fait-divers" transforma-se numa obra de ficção que centra a sua acção quase exclusivamente na luta épica de quatro homens contra a morte. "Esta história pareceu-me um filme de risco, de risco absoluto porque as filmagens eram quase inteiramente feitas dentro de água, o que nunca tinha sido feito em Portugal. O que achei é que ou era capaz de fazer um filme de risco e podia continuar a minha carreira ou, se fizesse um filme que não se inscrevesse neste limite, podia ser apagado do mapa."



Depois de três chumbos a pedidos de financiamento ao Estado em que os júris consideraram a proposta não exequível do ponto de vista técnico, "Tarde Demais" é

finalmente subsidiado e José Nascimento mergulha no Tejo com Vítor Norte, Nuno Melo, Adriano Luz e Carlos Santos, no papel dos quatro pescadores. O filho, Francisco Nascimento, a mulher, Rita Blanco, e a jovem Ana Moreira, revelada pouco tempo antes em "Os Mutantes", de Teresa Villaverde, assumem papéis de familiares dos pescadores nas brevíssimas passagens que o filme faz por terra enquanto a tragédia fluvial de 24 horas se desenrola. Lisboa. Ano 2000. "Tarde Demais" chega aos cinemas e a crítica é unânime: aos 52 anos, o homem-sombra do cinema português regressava para assinar uma obra maior. Estética e conceptualmente esta segunda longa-metragem estava nos antípodas de "Repórter X".

Ao barroquismo do primeiro o segundo contrapunha a contenção de um território abstracto feito de água e lama. Falou-se numa figuração mística aparentada com o universo de Tarkovski. José Nascimento diz simplesmente: "Não se conta da mesma maneira todas as histórias. Cada história tem uma realidade diferente e por isso usamos linguagens diferentes para a contar. No "Tarde Demais" não havia nada para fazer "bonitinho", era aceitar a realidade pura e dura à nossa volta." Lisboa. Ano 2006. José Nascimento ainda não acabou a montagem da sua terceira longa metragem. Data de estreia ainda por definir. Título provisório: "A Monte". E agora, o que esperar? "O filme é consequência de uma pequena tragédia familiar", diz o realizador. A tragédia: um tio e uma sobrinha ficam sozinhos e acabam por desenvolver uma relação fatal. Ele (Nuno Melo) tem perto de 50 anos, ela (Catarina Wallenstein) tem 16, talvez 17. Pedro Hestnes e Francisco Nascimento encarnam outra dupla com uma relação cheia de alçapões. Vítor Norte e Adriano Luz são personagens colaterais que acentuam a ligação ao "cast" de "Tarde Demais", repetindo-se ainda a direcção de fotografia, de novo nas mãos de Mário Castanheira.

Tal como João Canijo, que do "fait divers" de "Sapatos Pretos" passou para o submundo da prostituição ("Noite Escura", 2004), José Nascimento vai ao encontro de mundos paralelos do interior português, usando a ideia de uma casa de passe como âncora da narrativa. Foram sete semanas de rodagem, um périplo reproduzido nas deambulações das personagens principais do filme, entre a Covilhã, a Guarda, Castelo de Vide, Peniche e, de novo, a Serra da Estrela. A ideia inicial de argumento veio do também realizador Alberto Seixas Santos. Repetimos: e agora, o que esperar? "Uma coisa muito obsessiva sobre os actores. Grandes planos, pouca respiração."

É esperar para ver



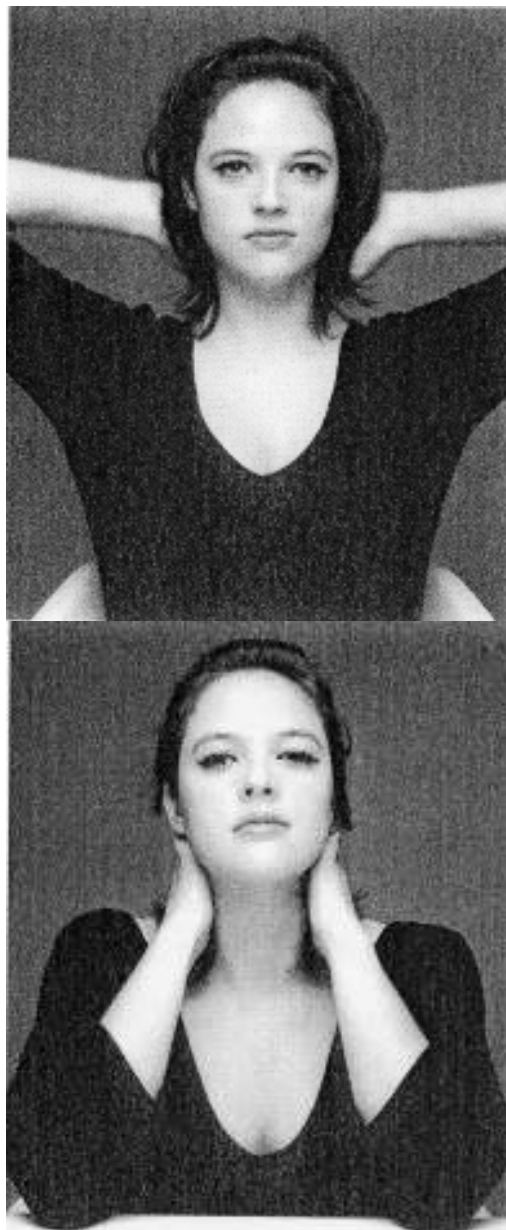
## European Film Festival Estoril - Prémio L'Oréal para Jovem Talento

### Catarina Wallenstein



**Vanessa** é uma personagem polémica. Numa noite de Inverno, vai com os pais jantar a casa de um tio. Bebem de mais e ocorre um crime de morte. O tio e a sobrinha fogem, dormem ao relento em casas abandonadas e acabam por se envolver numa relação amorosa, complicando ainda mais a tragédia. Mas nada demoveu Catarina Wallenstein, que se deixou fascinar pela personagem de 16 anos que interpreta no filme 'A Monte'. "É uma história muito pesada, mas não me assustei. Percebi logo que iria confiar no realizador." José Nascimento telefonou-lhe em Abril de 2005, e foi durante uma longa conversa, "um género de entrevista", que o cineasta a escolheu. "Quando ele me disse que tinha de cortar o cabelo curtinho e que era provável que houvesse planos de nudez, engoli em seco", confessa. "Mas aceitei de imediato." Catarina, 20 anos, percebeu que não era um nu meramente comercial nem uma exploração escandalosa do seu corpo. E o cabelo voltaria a crescer, mesmo que demorasse muito. "Não quero ser um ingrediente. Foi uma coisa cuidada, bem filmada. Não era um nu para vender.

Havia diálogo, senti-me sempre protegida." A actriz considera 'A Monte' o seu primeiro trabalho a sério em cinema: "Particpei num filme espanhol em 2004 ['Fin de Curso', de Miguel Mantí, com um elenco maioritariamente portugueses. Mas era uma história para adolescentes", diz. "Vanessa não é uma personagem plana - é grande, complexa, tem uma história. Só por um projecto assim é que deixei para trás um ano de escola. Tinha a certeza de que ia aprender muito." Por essa altura, já a representação não lhe era estranha: Catarina também participara na série da RTP 'Só Gosto de Ti' (2004). Os palcos já lhe eram familiares. Nascida numa família de artistas - o pai é contrabaixista na Orquestra Sinfónica, a mãe é cantora e professora de técnica vocal e o tio, José Wallenstein, é actor de televisão, teatro e cinema -, Catarina recorda os tempos em que os avós maternos a levavam a concertos e aos museus e a avó paterna não a deixava perder nenhuma peça de teatro infantil, aos domingos à tarde, nem as estreias do "tio Zé". "Não sei se foi por isso que despertei para a representação", diz. Confessa que até andava mais inclinada para a música, a qual estuda desde os quatro anos, quando se decidiu pelo violoncelo. Também fazia parte de um coro na Fundação Musical dos Amigos das Crianças e integrou o elenco infantil de várias óperas no São Carlos. "Gostava tanto desses tempos que deixei o violoncelo e dediquei-me ao canto lírico. Ainda estudo música no Conservatório. Adoro." Dividida entre a representação e a ópera, Catarina entrou para a Escola Superior de Teatro e Cinema em 2004. Só interrompeu o curso para filmar 'A Monte. Agora, aprende a representar durante o dia, tem uma aula de canto por semana e ensaia todas as noites em casa. Nos seus tempos livres, aproveita para entrar em projectos que não interferem com as aulas. "Fiz vozes para o último disco de Dulce Pontes e para os Rádio Macau. No Verão, filmei a série da RTP «Nome de Código: Sintra» [actualmente em exibição] e tive uma mini participação num filme de Gaël Morel, em que contracenei com Catherine Deneuve ['Après Lui']." A actriz fala da experiência com a diva do cinema francês com o mesmo entusiasmo que descreve todos os outros projectos. Fluente na língua de Deneuve, por ter estudado no Liceu Francês, em Lisboa, não põe de parte a hipótese de se mudar para Paris. "Gostava de aproveitar o facto de falar francês para fazer lá teatro ou cinema, há mais diversidade. Aqui, está tudo ainda um bocado fechado", desabafa. "Dizem que tenho um ligeiro acento. Tinha mesmo de estudar e viver em Paris. É preciso conhecer o meio e ser aceite por um agente. Mas é complicado, são muitos cães a um osso."



Catarina Wallenstein interessou-se a sério pela representação quando se inscreveu num 'atelier' de teatro no Liceu Francês. "Pensei que era importante trabalhar o lado cénico. A ópera pode ser uma arte muito completa, se os cantores souberem representar." Mas foi só no final do segundo ano do curso, quando interpretou uma "personagem quarentona", em 'Equívoco', de Albert Camus, que sentiu "o clic". "A minha mãe foi assistir à estreia e disse-me para eu não fazer a personagem sempre tão zangada, para a deixar crescer", conta. "Quando percebi o que podia mudar em cena, deu-me um gozo tão grande que decidi fazer as provas para a Escola Superior de Teatro e Cinema." Desde então, não sabe se é mais actriz ou cantora. "Não tenho dúvidas de que quero continuar a representar.



Cantar é muito difícil. Até arriscaria dizer que cantar é mais difícil em termos de mercado. Actores, saem dez que conseguem ter trabalho e que sobrevivem entre a televisão, o teatro e o cinema. Mas como cantora lírica é absolutamente assustador." Os pais sempre a apoiaram. "No fundo, talvez pensem que vivesse melhor se fosse advogada ou engenheira."

José Wallenstein tem acompanhado de perto a carreira da sua sobrinha. Catarina, aliás, já trabalhou com o tio na série 'Só Gosto de Ti'. "Não acho que as portas se tenham aberto graças aos meus conhecimentos. Penso que foi por causa da participação em 'Fim de Curso', de Miguel Mantí, em que comecei a conhecer mais pessoas." Diz que o actor Nuno Melo foi determinante no seu percurso, com quem contracena em 'A Monte'. "Quando tinha 16 anos, queria absolutamente ir ao Festival de Teatro de Avignon e a um festival de jazz. Até já tinha viagem marcada, mas foi o ano das greves gerais em França e anularam os festivais. Para não ficar triste, a minha mãe inscreveu-me num 'workshop' de representação do Nuno Melo. Ao fim deste tempo todo, encontro-me a contracenar com ele." Um não, dois. No mesmo ano, haviam de encontrar-se em 'Glória', uma curta-metragem do realizador José Nascimento, para os contos de Natal da RTP. O actor, de 47 anos, elogia a actriz num tom paternalista: "Já a conheço há uns tempos porque sou amigo da família", explica. "A Catarina faz parte da terceira geração de actores

dos Wallenstein e é talentosíssima, como todos os outros." De 'A Monte', Nuno Melo recorda a coragem de Catarina. "Ela levou uma grande tarefa. As condições eram complicadas, tivemos dias duríssimos. Mas aguentou-se bem, tem um gosto muito grande pela representação e continua a estudar, por isso vai ter bases muito sólidas. "Catarina prefere ser escolhida pela sua competência do que por ter uma boa imagem. "Acho essencial terminar a minha formação na Escola Superior de Teatro e Cinema." Ainda assim, admite que "a televisão tem um ritmo que precisa de uma imagem que venda rapidamente. É um negócio, e contra isso não se pode dizer nada." O realizador de 'A Monte', José Nascimento, confessa que gostaria de voltar a trabalhar com ela - "haja oportunidade" - e acredita que a atriz reúne todas as condições para ser uma atriz de grande público. "Quando o filme estrear, outros realizadores vão poder conhecê-la e dar-lhe mais visibilidade. Resta o mundo das novelas, mas não sei se a Catarina está muito virada para aí. Mas vai ter de trabalhar, é o drama de todos nós..." desabafa.



A atriz fala das experiências de um passado recente como se fossem muito antigas. "O primeiro trabalho, 'A Monte', foi tão entusiasmante como esgotante. Há muita atenção e concentração, por isso é uma aprendizagem muito sôfrega, uma atenção constante", diz. Catarina não tem atitudes nem pose de estrela e encara o futuro sem preconceitos: "Claro

que gostava mais de fazer teatro e cinema, mas não tenho aquela ideia de que em televisão é só chegar lá e dizer umas palavras. Por enquanto, não tenho 'estaleca' para garantir oito meses de qualidade, como a telenovela exige. Acho que é preciso bases. Mas se for necessário fá-lo-ei com todo o gosto. O importante é acreditar nos projectos. Poder escolher. O que por enquanto é fácil." Aos 20 anos, quase tudo é fácil.

Vera Moura NS, Março 2007  
Fotografia de Luís de Barros

Diário de Notícias



Sete anos depois de **Tarde Demais**, José Nascimento, 60 anos, estreará a sua terceira longa-metragem centrada na história de um crime e de uma fuga de um tio e uma sobrinha.

Com argumento de Alberto Seixas Santos e José Nascimento, **Lobos** conta com as interpretações de Nuno Melo, Catarina Wallenstein, Francisco Nascimento, Vítor Norte, Maria João Luís e Adriano Luz.

Com produção de Paulo Branco, o filme teve uma antestreia no primeiro European Film Festival, no Estoril, e integra a competição do Festival de Cinema de Huelva, em Espanha(...).

A interpretação neste filme valeu a Catarina Wallenstein, 21 anos, o Prémio Jovem Talento do Festival do Estoril. **Lobos** é a terceira longa-metragem de ficção de José Nascimento, sucedendo a **Tarde Demais** (2000), baseada numa história verídica de um naufrágio de pescadores no rio Tejo, e **Repórter X**, de 1987, a partir da vida do jornalista Reinaldo Ferreira.

*Lusa/SOL*





### Actores

**Nuno Melo**

**Catarina Wallenstein**

**Francisco Nascimento**

**Maria João Luís**

**Vítor Norte**

**Pedro Hestnes**

**Sara Vaz**

**Adriano Luz**





## **Créditos**

**argumento ALBERTO SEIXAS SANTOS . JOSÉ NASCIMENTO**  
**fotografia MÁRIO CASTANHEIRA**  
**som PEDRO MELO**  
**misturas VASCO PIMENTEL**  
**guarda roupa MARGARIDA MORINS**  
**decoreção NUNO GABRIEL MELO**  
**maquilhagem e cabelos ARACELI FUENTE**  
**montagem JOSÉ NASCIMENTO**  
**música NUNO REBELO**  
**assistente de realização JOSÉ MARIA VAZ DA SILVA**  
**direcção de produção FERNANDO CENTEIO**  
**produzido por PAULO BRANCO**  
**com o apoio MC/ ICAM - Instituto do Cinema, Audiovisual e**  
**Multimédia**  
**e RTP - Rádio televisão Portuguesa**  
**produção CLAP FILMES**  
**produtor PAULO BRANCO**  
**realização JOSÉ NASCIMENTO**

## LOBOS, de JOSÉ NASCIMENTO

Portugal, 2007, cor, 35mm, 1,2:35, DOLBY SRD, 100'

